

MARTHA BATALHA

Nunca houve um castelo



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2018 by Martha Batalha

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa

Claudia Espínola de Carvalho

Foto de capa

Azat1976/ Shutterstock

Foto da p. 8

DR/ Manchete PressB

Todos os esforços foram feitos para reconhecer os direitos autorais da imagem. A editora agradece qualquer informação relativa à autoria, titularidade e/ou outros dados, se comprometendo a incluí-los em edições futuras.

Checagem

Érico Melo

Preparação

Ciça Caropreso

Revisão

Huendel Viana

Adriana Bairrada

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Batalha, Martha

Nunca houve um castelo / Martha Batalha. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2018.

ISBN: 978-85-359-3082-5

1. Ficção brasileira I. Título.

18-12800

CDD-869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira 869.3

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

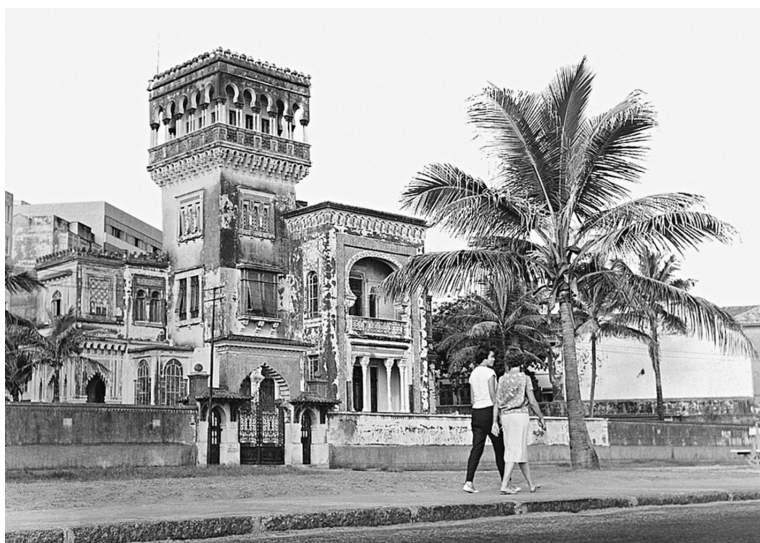
facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

Para Juan

PRIMEIRA PARTE



*O castelinho mourisco, com torre e tudo, já existia desde 1904.
Foi uma das dez primeiras casas de Ipanema, construída pelo
cônsul sueco Johan Edward Jansson.
Ruy Castro, Ela é carioca: Uma enciclopédia de Ipanema*

*O passado é um país distante. Lá, tudo é feito diferente.
L. P. Hartley, O mensageiro*

Um

Às três e vinte da tarde do sábado, 6 de janeiro de 1968, com ventos noroestes, céu parcialmente nublado e temperatura em declínio, alheia ao forte cheiro de bife passado há pouco na manteiga e à voz em uníssono dos muitos Silvio Santos nas TVs dos apartamentos próximos, Estela mancha com choro e rímel a fronha bordada do travesseiro novo. Os cabelos longos cobrem seu rosto, as unhas vermelhas agarram um lenço de linho. Os pés calçados pendem para fora do colchão, até ela livrar-se dos saltos e encolher o corpo, levando os joelhos para junto do queixo. Estela não pensa, só repete *por quê, meu Deus, por quê*, tentando encontrar no caos da sua tristeza o motivo de tanto desgosto.

Depois adormece. Quando acordar naquele dia, nas semanas, meses e anos seguintes, em todas as outras vezes que tentar responder à pergunta dolorosa daquela tarde, ela jamais encontrará a resposta.

A resposta existe, e não é só uma. Têm tantas origens, e tão distantes, que podem ganhar contornos de fábula. Uma delas é esta: nada teria acontecido se Johan não tivesse conhecido Bri-

gitta, e se Brigitta não fosse tão peculiar. Se não tivessem que mudar de continente e construir um castelo. Se três meninos louros tivessem passado a infância como seus pais e avós, em vez de se tornarem estrangeiros na cor da pele curtida.

Setenta anos antes do choro de Estela, Johan percorria as ruas de Estocolmo olhando cabelos repartidos e cocurutos de chapéu. Espremia-se no assento do trem, só dormia de pernas dobradas e tocava as paredes do quarto ao se espreguiçar. Já não ia mais ao teatro, da última vez alguém gritou “Abaixa!”. Johan afundou-se na cadeira e ouviu “Eu pedi para abaixar!”. Tinha vinte e dois anos e continuava crescendo, as calças feitas no verão não cobriam seus calcanhares no outono. Até seu pai, campeão de salto e dono de uma cicatriz na testa por ter passado correndo por um batente, dobrava a nuca ao falar com o filho.

Também não se adaptava ao trabalho da repartição. Seu corpo adquiria o formato de um casco de tartaruga, suas pernas comprimiam-se sob a mesa. Johan escrevia requerimentos que pareciam os mesmos, recebia o salário e sentia-se remunerado para sofrer.

— Tão novo e tão triste — lamentava d. Heidi, quando o filho chegava do trabalho e se afundava no sofá, de frente para o relógio cuco.

Se ele tivesse cinquenta anos ela entenderia — a família Jansson era repleta de homens que desistiam da vida antes que a vida desistisse deles. A melancolia chegava com a meia-idade, e os homenzarrões cancelavam suas partidas de bocha para se entregar ao sofá, saindo dali para o caixão. Mas o seu menino ainda estava em fase de crescimento, não era para ser assim.

— Você precisa se divertir, meu filho — d. Heidi dizia, num desespero que estendeu o conselho a qualquer situação. — Vá

comprar pão, engraxar sapatos, passear na praça. Você precisa se divertir.

Johan ouvia sem tirar os olhos da sopa. Fazia uma bola perfeita de pão, recusava a sobremesa e seguia para o quarto.

Foi assim até uma noite de dezembro. Ele queria jantar em silêncio, mas o rosto de suplício da mãe incomodava tanto que precisou distraí-la.

— Christian vai dar uma festa de Ano-Novo — disse.

Foi quando a mesa tremeu, a sopa transbordou e d. Heidi apareceu em seu pescoço.

— Você vai enfim se divertir!

— Mas eu mal conheço esse Christian, nem sei por que me chamou. Acho que não vou, é claro que não vou.

— A calça que eu te fiz no mês passado ainda serve? Os sapatos estão apertados? E essa mancha na sua lapela? Tire a camisa para eu lavar.

D. Heidi molhou o guardanapo na água do copo e esfregou na camisa de Johan. “Vai ficar nova para a festa”, disse. Fazia anos que não chegava tão perto do filho, e ele pôde ver os detalhes do riso contido, os fios brancos nas têmporas e os olhos repletos de lágrimas que só deveriam sair assim, por alívio em vez de tristeza.

— Calça e sapatos ainda servem, não se preocupe.

Duas semanas depois, na noite do dia 31 de dezembro de 1899, Johan chegava ao endereço da festa vergado pelo frio e pela timidez. Um empregado levantou os braços para pegar seu casaco, Johan agradeceu. Entrou no salão e sentiu o corpo aquecido pelo calor dos casais dançando e dos grupos conversando pelos cantos.

— Champanhe? — perguntou um garçom.

Johan esgueirou-se com a taça até avistar a árvore de Natal. Instalou-se atrás dos galhos e intercalou espirros com goles de

champanhe. Quinze minutos depois tudo lhe parecia perfeito. Seu lugar na festa, a coceira na ponta do nariz, a simbiose entre as luzes do salão, os acordes da orquestra e os perfumes das moças. Descansou a cabeça na parede e não pretendia mais se mexer, até que alguém cutucou sua coxa.

Brigitta. Setenta quilos de mulher distribuídos por metro e meio. Arrematados por uma cabeleira loura e ondulada em forma de trapézio — recomendaram a Brigitta não prender o cabelo para a ocasião. Ela falou e Johan disse: “Quê?”. Repetiu a frase e Johan disse: “Hã?”. Colocou as mãos em volta da boca e gritou:

— Disseram que temos que dançar a próxima música.

Johan respondeu que não dançava, Brigitta ignorou. Pensou em negar também com as mãos, mas seu braço direito já estava sendo guiado até o meio do salão.

O que houve em seguida foi lembrado de muitas maneiras, e depois esquecido da mesma forma. Os místicos afirmaram que Johan diminuía e Brigitta aumentava à medida que se aproximavam da pista. Os românticos pensaram o mesmo, com a mão no coração e a cabeça pendendo para o lado. Bêbados viram um casal dançando com a perfeição assimilada apenas por bêbados. Os céticos nada notaram, mas por poucos segundos. Depois se tornou necessário acompanhar os passos do casal improvável. Ele todo feito de ossos, ela toda feita de carnes. Ele de cabelos sóbrios, ela com fios rebeldes. Ele bem perto do lustre, ela fitando cinturas. Mas até que não eram tão diferentes, *veja como a mão dele se encaixa na cintura dela, como a mão dela alcança o ombro distante*, pensaram místicos, românticos, bêbados e céticos. Johan e Brigitta dançaram a valsa com olhos que se encontravam numa linha horizontal. Deu meia-noite, brindaram pelo ano de 1900 e por todos os outros que viriam e que, sabiam, estariam juntos.

A paixão de Johan e as certezas de Brigitta eram tão fortes

que os preparativos para o casamento se fizeram urgentes. Alugaram a primeira casa disponível em Östermalmstorg, compraram alianças na joalheria próxima, arranjaram um tempinho na agenda lotada do pastor. Conseguiram móveis de segunda mão e Johan pediu à mãe para levar com ele o relógio cuco. Era tão velho que ninguém sabia ao certo quando tinha chegado na família — o avô do avô sempre dizia ter pertencido ao avô. Johan acostumara-se a guiar por suas batidas, e não poderia viver sem elas. Brigitta fez o enxoval em uma semana. Escolheu um vestido qualquer, pegou um buquê no mercado e convidou seus poucos amigos. Foi tudo muito rápido, e por isso só na noite de núpcias Johan descobriu que eles nunca estariam sozinhos.

Saiu do banheiro de bigodes penteados e boca cheirando a hortelã. Brigitta estava sentada na cabeceira da cama, com as mãos no colo e o corpo apoiado em travesseiros.

— Disseram que você só poderá se deitar se estiver de suspensórios — ela disse.

— O quê?

— Os suspensórios. Disseram que você não pode se desfazer dos suspensórios.

Johan não entendeu. Quem tinha dito, e por que os suspensórios? Olhou a mulher na cama, as tranças gordas, a camisola branca, os magníficos olhos azuis. Concentrou-se nos olhos. Pareciam menos magníficos e mais perturbados.

— Não ouse se aproximar de mim sem os suspensórios, Johan. Nem mais um passo, nem mais um passo!

Brigitta afundou a cabeça nos ombros e estendeu os braços. Johan parou de andar e espalmou as mãos, como quem mostra que não está armado. Depois procurou as tiras do suspensório e subiu o elástico com cuidado. Da cama Brigitta chorava contida, e Johan aproveitou o rosto escondido da mulher para se aproximar.

Depois de alguns minutos ela conseguiu falar. Contou a Johan sobre as vozes que a acompanhavam desde pequena: “Acho até que aprendi a falar com elas”. Não era de todo ruim, as vozes tinham o seu valor. Mandavam que saísse de guarda-chuva em manhãs de céu azul, e mais de uma vez Brigitta era a única protegida num toró ao meio-dia. Avisavam sobre buracos na rua para que nunca torcesse o pé. E gostavam de arte, viviam pedindo para ir a museus.

Enquanto falava, Brigitta brincava com as tiras do suspensório. Puxava uma, puxava outra, via o elástico esticar e voltar ao lugar. Puxava e soltava, ouvia o barulho seco no peito de Johan. Brigitta deu um sorriso, ele sorriu também. As vozes disseram que ele devia manter os suspensórios, mas não onde, ou como. Os suspensórios iam e vinham, e às vezes machucavam um pouco. Iam e vinham, e pareciam feitos para isso. Iam e vinham, e depois se enrolaram, e enrolaram pulsos, cinturas e coxas, braços, joelhos e ombros, e tantas outras partes, de tantas outras formas, que foi preciso terminar a noite às cinco da manhã, começar o dia às onze, emendar com a noite às oito e terminar a noite às cinco para que os dois pudessem conferir as versatilidades escondidas na simplicidade dos suspensórios.

Eram felizes. Johan se levantava quando o cuco batia sete horas. Vestia-se, comia um prato de aveia, dava um beijo na mulher e saía para o trabalho. Andava até o prédio do governo, onde se transformava no assessor de assuntos especiais do ministro do Exterior.

Brigitta fazia a toailete de acordo com as recomendações que ouvia — às vezes usava uma trança, às vezes duas. Cuidava da casa, visitava museus, saía para um café. Comprava um folhado e estudava a massa como equação. Depois celebrava: “Vocês disseram que seriam vinte dobras, eu contei vinte e três, então ganhei”.

De noite se reencontravam para jantar. Falavam de algum

episódio do trabalho de Johan ou de uma cena vista por Brigitta nas caminhadas pelo parque. O cuco batia nove horas e as conversas perdiam a importância. As luzes enfraqueciam, a cama parecia maior.

Foi assim até o início da primavera, quando, talvez por ciúmes da vida a dois, as vozes deixaram de dar conselhos e começaram a provocar chiliques. Johan chegava em casa e via Brigitta andando em círculos no quarto, os pés descalços sobre o tapete, as mãos enterradas nos cabelos: “Eu sei, eu sei, eu sei! Foi Rembrandt quem pintou o quadro do Copista, sim, não me faça voltar ao museu para conferir”. Não podiam mais fazer planos: “Disseram que hoje não podemos sair para jantar”. Ou questionar ordens: “Não use o terno azul, ele faz mal ao seu espírito”. Passavam noites inteiras em claro: “Prometo contar todos os carneiros até o fim do rebanho”.

Ele aproximava-se devagar e passava a mão nos cabelos embaraçados:

— Está tudo bem, meu amor. Não precisamos sair para jantar.

Mandava a criada esquentar a sopa do dia anterior e recolhia na cama os pedaços azuis do terno picotado pela mulher. Tentava alimentar Brigitta, mesmo sabendo que ela manteria os dentes cerrados — as vozes disseram que só tomariam sopa se não fosse líquida. Depois a guiava até a penteadeira e fazia-lhe tranças. Deitavam-se abraçados, com Johan adormecendo no carneiro número 300, acordando no carneiro 1020, dormindo no carneiro 1600, acordando no carneiro 3020, dormindo no carneiro 3500, acordando no carneiro 6000.

Na semana seguinte Brigitta estendeu a contagem de carneiros pelos dias. O rebanho só terminava depois de chegar a um milhão, e assim que o último carneiro passava as vozes mandavam trazê-los de volta, dando marcha a ré. Foi quando Johan decidiu procurar ajuda. Não cogitava internar a mulher em um

sanatório — era incapaz de ver Brigitta atada a uma camisa de força, vagando por salas geladas revestidas de azulejos úmidos. Optou por medicinas alternativas. Escreveu para um clínico chinês, para uma curandeira da Irlanda e para um médico de Viena. O clínico chinês foi logo descartado: seu tratamento envolvia o uso de agulhas no corpo, técnica que pareceu a Johan tão primitiva quanto cruel. A curandeira irlandesa disse que só poderia curar Brigitta depois de consultar as vozes para definir a linha de tratamento. Foi também descartada. O médico vienense disse que teria prazer em tratá-la com sessões diárias de terapia.

Se pudesse Johan também teria desistido do médico. O homem misturava mitologia grega com sonhos e relações sexuais, e afirmava curar seus pacientes por meio de conversas. Mas estava desesperado, e não havia alternativas. Fizeram as malas, deixaram a casa em Estocolmo e se mudaram para Viena.

A primeira semana correu sem imprevistos. Johan passava os dias escrevendo cartas e lendo jornais, Brigitta terminava a toailete e seguia para as sessões. Mas na segunda semana ela se recusou a sair. Libertou o cabelo das tranças, derrubou cadeiras, quadros e livros, atacou uma cristaleira fornida. Os passantes olharam para a janela de onde vinham os gritos, os vizinhos pensaram em intervir. Brigitta levou ao chão tudo o que as mãos alcançaram para então se deitar nos destroços, as coxas sangrando em contato com os cacos. Johan aproximou-se devagar, seus passos marcados pelo som do vidro triturado. Agachou-se junto à mulher, que apoiou o rosto em seu peito.

Ela disse que não podia mais. Que as estátuas gregas do consultório sussurravam todas juntas, cada uma querendo contar como tinha sido feita há dois mil anos. Se fosse uma ou outra não se importaria: “São sempre boas, as histórias que os móveis contam”. Mas eram dezenove, além dos quatro búfalos da pintura primitiva dos dois quadros em frente ao divã. Johan olhou